

ENQUADRAMENTO: origens, principais influências e usos do conceito

Gustavo Roese Sanfelice¹

A ESCOLA DE PALO ALTO (COLÉGIO INVISÍVEL)

Nos anos 50 do século XX, um grupo de pesquisadores americanos vindos de diferentes áreas do saber como antropologia, linguística, matemática, sociologia, psiquiatria, entre outros, tomam rumo contrário a teoria matemática da comunicação de Claude Shannon², em vistas de

-
- 1 Possui graduação (licenciatura plena) em Educação Física (UFSM), mestrado em Ciência do Movimento Humano (UFSM) e doutorado em Ciências da Comunicação (UNISINOS). É professor titular da Universidade FEEVALE, onde coordena o comitê de ética em pesquisa com seres humanos, é editor da revista Conhecimento Online e é docente orientador no Programa de Pós-graduação em Diversidade e Inclusão. E-mail: sanfeliceg@feevale.br
 - 2 Aluno de Norbert Wiener, o engenheiro Claude Elwood Shannon trará aos estudos comunicativos, e ao conceito de informação uniformidade e aplicabilidade capaz de ser encaixado em fenômenos comunicativos diversos. De forma breve, a Teoria da Informação – ou Teoria Matemática da Comunicação – considera a informação como parte de uma comunicação que se caracteriza pela transmissão. O esquema de Shannon é representado por uma sucessão de elementos nos quais: a *fonte* produz uma mensagem que será emitida por um *emissor* que a transforma em sinais transmitidos por um *canal* que a entrega a um *receptor* que a decodifica e entregá-la ao *destinatário*. Apesar da linearidade com que a mensagem é conduzida, Shannon se aproximará dos postulados de Wiener em pelo menos um aspecto: a heterogeneidade com que a informação pode ser transmitida quer entre máquina- máquina, máquina-homem, homem-homem. Contudo, o preceito basilar da Teoria da Informação de Shannon, está em considerar a informação de forma puramente quantitativa e estatística, a fim de ser calculada e medida em “unidades de sinal transmissíveis e transmitidas e não um método de cálculo das unidades de significado” (ECO, 1972, *apud* WOLF, 1999, p. 116). Postulado que se pauta na transmissão-recepção ou estímulo-resposta (E-R) muito caro às teorias atuais da comunicação.



se impor como referência dominante. A história desse grupo, que nunca se encontraram institucionalmente e por isso mesmo é identificado como “Colégio Invisível” ou “Escola de Palo Alto”, nome da pequena cidade na periferia ao sul de São Francisco nos EUA, inicia-se em 1942, impulsionada pelo antropólogo Gregory Bateson, que se associa a Ray Birdwhistell, Irving Goffman, Edward T. Hall, Don D. Jackson, e Albert E. Schefen, Stuart Sigman, Paul Watzlawick, etc., e aproximando-se do modelo circular retroativo proposto por Norbert Wiener.

Concebida por e para engenheiros das telecomunicações, os integrantes do Colégio Invisível sustentam que a teoria matemática não deve ser utilizada no escopo das Ciências Sociais. O principal motivo está em ver a comunicação como um todo integrado em um fenômeno interacional e social. Para tanto, é preciso ultrapassar a noção clássica e dualista – embutida na linearidade da fórmula emissor-receptor da teoria de Shannon – segundo a qual o homem é composto de corpo separado de mente. Assim, a comunicação deve ser estudada pelas ciências sociais e humanas a partir de um modelo próprio. Yves Winkin resume a diferença de posições:

Segundo eles, a complexidade da menor situação de interação que seja é tal que é inútil querer reduzi-la a duas ou mais “variáveis” trabalhando de maneira linear. É em termos de nível de complexidade, de contextos múltiplos e sistemas circulares que é preciso conceber a pesquisa em comunicação (WINKIN, 1998).

Na visão circular da comunicação o receptor tem um papel tão importante quanto o emissor. Os pesquisadores da Escola de Palo Alto tentam explicar uma situação global de interação, e não apenas estudar algumas variáveis tomadas isoladamente, para isso eles se baseiam não só nos conceitos e modelos da abordagem sistêmica, mas também da lógica e da linguística. Segundo os pesquisadores a essência da comunicação reside em processos relacionais e interacionais. Todo comportamento humano possui um valor comunicativo. “Nós não podemos não comunicar” (WINKIN, 1981, p. 23). Observando a sucessão de mensagens situadas no contexto é possível deduzir uma lógica da comunicação (WATZLAWICK, 1967, citado por WINKIN, 1998).



Para Bateson a interação se define por uma troca entre subsistemas, troca de informações caracterizadas por uma diferença. Assim, a informação é conceituada como “qualquer diferença que faz uma diferença” (1986, p. 233). Retomando os conceitos de Shannon, ele os transpõe ao mundo vivo: a informação, que é ela própria diferença em Shannon, produz de modo dinâmico diferença em Bateson.. A diferença entre o sistema matemático e Bateson é que o sistema interativo dos engenheiros é visto como procedimento de descrição. A interação batesoniana é vista como processo de mudança a construir. Palo Alto é voluntarista, não se tratando de descrever, mas de agir. E sabe-se que a descrição não é neutra ou inocente, mas que acarreta sempre uma diferença, que ela própria é ação.

Para Albert Scheflen, apud WINKIN (1998) existem várias maneiras de registrar, reconstruir e representar a estrutura do comportamento durante a interação. Não só o comportamento verbal, mas todos os modos de comportamento estão codificados e estruturados pela tradição. “Todos os comportamentos são potencialmente comunicativos”. Scheflen, assim como os demais componentes do grupo, define comunicação como um sistema de comportamento integrado que calibra, regulariza, mantém e por isso torna possível relações entre homens.

A noção de comunicação isolada como ato verbal consciente e voluntário, opõe-se a ideia da comunicação como processo social permanente que integra múltiplos modos de comportamento: a fala, o gesto, o olhar, o espaço interindividual. A partir daí eles se interessam pela gestualidade (cinática) e pelo espaço interpessoal (proxêmico), mostram que os imprevistos do comportamento humano são reveladores do meio social. A análise do contexto se sobrepõe à do conteúdo. Se concebe a comunicação como um processo permanente em vários níveis, sobre a qual o pesquisador deve, para aprender o surgimento da significação, descrever o funcionamento de diferentes modos de comportamento num dado contexto. A contribuição da Escola de Palo Alto para uma teoria sobre os processos de comunicação como interações foi reconhecida apenas nos anos 80, com a crise dos modelos macrossociológicos, e se mantém ativa sobretudo hoje, com a consolidação de um contexto comunicacional reticular, como o proposto pela Internet.

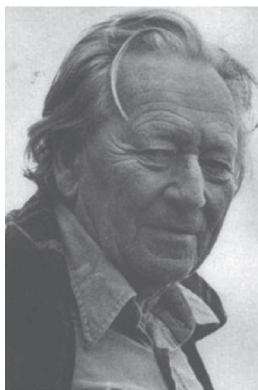
A comunicação é menos um objeto de estudo do que um ponto de vista teórico sobre o mundo social, um quadro analítico que organiza os



dados. Numa perspectiva orquestral, a vida em sociedade é encarada como uma estrutura em processo perpétuo, uma realização permanente, uma performance todos os instantes (WINKIN, 1998). Sendo assim, vamos neste trabalho trazer as origens do conceito de “enquadramento” situada nas influências dos seus principais pensadores e aplicações nos estudos de mídia.

PENSADORES E INFLUÊNCIAS NO CONCEITO DE ENQUADRAMENTO

- **Gregory Bateson** (1910-1980) dedicou-se a vários campos do conhecimento: biologia – disciplina na qual sofreu influência de seu pai, o famoso geneticista Willian Bateson –, antropologia, epistemologia, linguística, psicoterapia. Em todas as áreas deixou sua marca. Bateson desenvolveu estudos antropológicos pioneiros na Nova Guiné e Bali; participou das reuniões da Macy Foundation que deram origem à ciência da cibernética: estudou os golfinhos, foi o Membro do Conselho Universitário da Universidade da Califórnia e Membro Associado da Lindisfarne Association. Dentre seus livros, podemos citar *Naven*, *Steps to an Ecology of Mind* e *Mind and Nature*.



Fonte: <http://www.nddb.com/people/169/000100866/>



Gregory Bateson nasceu em Cambridge, em 9 de maio de 1904, e morreu nos Estados Unidos, em 4 de julho de 1980. Começou seus estudos em história natural ainda em Cambridge e graduou-se em antropologia. Seus primeiros trabalhos o levaram à Nova Guiné (1927). O resultado foi à publicação de seu primeiro livro, de título espantosamente longo, do qual menciono aqui só a primeira palavra: *Naven*. A amplitude de seu horizonte intelectual fez com que desde cedo Bateson se interessasse por uma vasta gama de assuntos. Assim, a interdisciplinaridade foi para ele menos uma postura científica do que um projeto de vida (LIPSET, 1982).

Na Nova Guiné conheceu Margaret Mead, cujo pensamento era muito semelhante ao seu. Foi casado com ela durante 14 anos, período em que trabalharam juntos, inclusive em Bali. Dessa convivência surgiram as primeiras documentações fotográficas de comportamento em etnologia, publicadas em *Balinese character* (1942). O que impressiona em *Naven* – um trabalho de 1936 – é antecipação de uma correlação que viria a se tornar mundialmente aceita. A obra é considerada um elo entre a antropologia e a cibernética. Esta, como se sabe, só começaria a tomar a forma que tem hoje a partir dos anos 40 (LIPSET, 1982).

Não ficaram por aí os interesses de Bateson, pois depois da Segunda Guerra Mundial, ele se mudou para a Califórnia. No Veterans Administration Hospital, em Palo Alto, voltou-se para o estudo do etilismo e da esquizofrenia. Por essa época, voltou a atenção à teoria do duplo vínculo (*double bind*), uma continuação dos estudos realizados com Mead e publicado no *Balinese Character*, no qual Bateson anuncia – se utilizando de suas belas imagens em sequência sobre a relação entre uma mãe balinesa e seu filho – um contexto marcado por uma rede de relações contraditórias que mesclam sinais de aceitação e rechaçamento, impossíveis de serem interpretados pela criança. Tal hipótese, nomeada somente em nesse período, foi apresentada pelo autor e apropriada por diversos estudos psiquiátricos como a origem da esquizofrenia infantil.

Mas Bateson não está preocupado com os métodos terapêuticos e sim, com uma teoria geral da comunicação, derivada das ideias da cibernética. Em colaboração com Ruesch escreve: *Communication: The*



social matrix of psychiatry (1951). Cinco primeiros capítulos assinados por Ruesch e os outros cinco por Bateson. No último capítulo os dois autores propõem uma teoria geral da comunicação.

Para **este autor**, comunicar é “entrar na orquestra”. Essa metáfora era designada como exemplo de não se comunicar se desafinar, ou se a música se harmonizar mal com as partituras dos outros códigos vigentes. Isso chama-se também simbólico, cujo melhor modelo é o código da língua que falamos. Ao se opor ao modelo linear de comunicação de Claude Shannon, o modelo proposto por Bateson, um dos pais da cibernética da comunicação, é mais sensível às causalidades sistêmicas ou em círculo, assim como a prioridade da relação sobre o conteúdo e as mensagens. A metáfora orquestral, apesar de Bateson não ter se interessado pelos canais de comunicação em si, mas com o processo comunicacional, relembra-nos as limitações midiáticas (a mídia, em geral, representando o ecossistema ou a orquestra de nossas ideias).

Emitimos mensagens-quadros cuja consciência permanece periférica ou latente para nós, e o que os outros percebem de nós imediatamente, é de início, o que nos escapa. É assim que desenvolvendo uma conversa, adoramos, às vezes, simetricamente e, como no espelho, os gestos, e até a voz do interlocutor, sem ter verdadeiramente consciência disso. Isso é comunicar: moldar-se, adotar o ritmo ou a expectativa do outro, respondendo e retroagindo de forma autônoma e de acordo com o contexto. O homem é um espelho para o homem, isso chama-se mimetismo (Winkin, 1998).

Outro autor de grande protagonismo no conceito de enquadramento é **Erving Goffman**, antropólogo nascido em 1922, no Canadá e pós-graduado na Universidade de Chicago (Estados Unidos), tendo falecido em 1982. Uma de suas contribuições para a psicologia social foi estudar profundamente o conhecimento “de si mesmo” do homem, tratando o comportamento humano em sua situação social e em relação com o modo como nos apresentamos e mostramos aos outros.



Fonte: <http://cafedefita.blogspot.com.br/2012/05/erving-goffman-mannvillealberta-11-de.html>

Goffman teve como principais influências antes do Doutorado, Émile Durkheim, S. Freud, G. Herbert Mead, Talcon Parsons, G. Simmel. Em 1953 defende sua tese de doutorado na Universidade de Chicago no Departamento de Sociologia com o título: *Communication Conduct in a Island Community*.

Para Goffman (1988), um dos principais conceitos com que opera é o de estigma: “Estigma é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. É a marca que a sociedade impõe aos seus membros, atendendo a qualquer característica que se desvie dos padrões sociais interiorizados como sendo “normais”, podendo conduzir à exclusão social.

Recorrendo à linguagem dramaturgica, Goffman analisa a lógica da ação dos atores de uma forma distinta do sentido de ação weberiana, enfatizando a natureza da identidade individual, as relações grupais e o significado da apresentação e da comunicação num dado contexto social. Para Goffman, elementos como os olhares, os gestos, as afirmações verbais, os rituais, as rotinas e os posicionamentos dos atores, conferem sentido à ordem normativa que caracterizam a interação humana (SILVA e SEBASTIÃO, 2002).



O modo como o indivíduo em situações de trabalho habituais se apresenta a si próprio e à sua atividade perante os outros, as maneiras como orienta e controla a impressão que os outros formam dele, as diferentes coisas que poderá fazer ou não fazer enquanto desempenha perante os outros o seu papel” (GOFFMAN, 2011).

Segundo Goffman, o “Eu” e o “papel” constituem realidades distintas. Para o autor, o “papel” é apenas um conjunto de regras a partir das quais se regulam os comportamentos específicos de cada um dos protagonistas, uns em relação aos outros. Quanto ao “Eu”, este pode assumir diversas formas, em consonância com a identificação ou recusa do “papel” que lhe é atribuído. Por outras palavras, trata-se, antes, da representação do “Eu” perante o outro e do outro perante o “Eu”, tomando uma consciencialização do “Eu” (de si próprio) e do outro. Assim sendo, na linguagem goffmaniana, o conhecimento do indivíduo é construído em função, quer da informação adquirida (pelo outro), quer através do seu comportamento e aparência (GOFFMAN, 2011).

Logo, o papel que o indivíduo desempenha reporta-se, em primeiro lugar, aos papéis representados pelos outros, que são a sua “assistência”. Por outras palavras, na gramática de representações de Goffman, as interações sociais resultam de padronizações reguladas normativamente e que permitem aos outros entender as ações de um indivíduo. O “Eu” é entendido por Goffman como um produto coletivo que, por um lado, legitima os papéis sociais do indivíduo que sai do anonimato, e, por outro lado, sanciona o enquadramento dos seus papéis numa dada situação.

Se, para Goffman, toda a interação social deve ser entendida, por um lado, como um desempenho específico de um ator, tendo em vista proporcionar aos outros certas impressões, e, por outro lado, que estas interações emergem num dado ambiente e dirigem-se à satisfação de uma audiência, constituindo, por conseguinte tais metas as mais desejadas pelo próprio ator, não é menos verdade que é possível retirar como ilação pelo menos a leitura das mesmas interações definição do desempenho dos atores no plano individual e grupal.

Dito de outro modo, na óptica de Goffman, a interação social, apesar de constituir um processo comunicativo a partir de um universo



simbólico partilhado pelos atores sociais, não é entendida como uma simples atividade cooperativa, garante da adaptação do indivíduo à sociedade, mas sobretudo como uma representação, através da qual o *Self* se transforma em *Selves*, contrariando um pouco a perspectiva unitária da pessoa defendida por Mead, pois no quadro conceptual de Goffman, essa pessoa transforma-se em máscara (SILVA e SEBASTIÃO, 2002).

O indivíduo interage consigo e com os outros através de um processo comunicativo mediatizado pela sua capacidade interpretativa do universo simbólico em que se insere. Efetivamente, a questão central do pensamento goffmaniano é a ideia de que a interação social é por excelência um processo de ação comunicativa que tem por base o modo como o indivíduo interpreta o universo simbólico, de forma a preservar a sua identidade (SILVA e SEBASTIÃO, 2002).

As suas três últimas obras são: *Gender Advertisements* (1979), *Forms of Talk* (1981) e *Frame Analysis* (1974), que surgem como fruto de suas palestras e aulas ministradas na década de 60, onde faz um apanhado de todas as suas obras até então publicadas, buscando uma sistematização teórica. A partir desta obra e do conceito de *frame*, que passamos a apresentar o conceito de enquadramento.

O ENQUADRAMENTO (FRAME)

Frame (quadro ou moldura) foi originalmente proposto por Bateson em seu artigo *A theory of play and phantasy* (1955) – incluído na coletânea *Steps to an ecology of mind* (1972).

Toda comunicação apresenta dois aspectos: o conteúdo (*sign*) e a relação (*signals*), sendo que o segundo engloba o primeiro e é, em consequência, uma metacomunicação (BOUGNOUX, 1999, p. 32). Decifrar uma mensagem, ou compreender um comportamento, pressupõe que se saiba em que quadro este se dá, em que tipo de relações ele se inscreve. Assim, Bateson (1986) chamará atenção para a relação fundamental entre significado e contexto: entrelaçada às mensagens simples (como um gesto ou uma palavra) estão diversas mensagens sutis que



condicionam os “códigos”³ e, por isso mesmo, são essenciais. Desta forma, reconhecimento do quadro, ou do contexto, é a condição elementar para a percepção de uma mensagem. Comunicar supõe sempre dois níveis circulares e retroativos de emissão e de recepção das mensagens:

- 1) mensagens-quadros
- 2) mensagens de conteúdo e de informação

Nossas frases contêm palavras ou são acompanhadas por sinais “supresegmentais” (postura, mímica, entonação, etc...) para dizer como tomar ou interpretar o enunciado: como sugestão, ordem, piada, ameaça, etc. É o que se chama de parte meta da mensagem, seu quadro ou modo de usar, que é essencial apreender, caso se queira bem comunicar. Num contexto linguístico, que só se considera as mensagens verbais, fala-se de metalinguagem, para designar todas as palavras ou frases que, a partir do enunciado, designam ou regem a enunciação (BOUGNOUX, 1999).

Em um processo interacional cria-se um “jogo de expectativas”, sendo que é através deste “jogo” entre o que o indivíduo julga ser, o que julga que os outros esperam dele, e o que na realidade os outros julgam dele, que se constituem os quadros ou esquemas interpretativos (*frames*) em que decorrem as interações sociais.

Estes quadros ou esquemas interpretativos, que permitem decompor qualquer situação nos seus diferentes registos existenciais, são explicados no grande livro de teoria de Goffman - *Frame Analysis*. Considerado, por um lado, como um dos mais importantes tratados teóricos produzidos no âmbito da sociologia e, por outro, como uma reflexão original sobre o próprio trabalho sociológico e, em particular, sobre a análise sociológica da vida quotidiana (NUNES, 1993).

Nesta sua obra, que tem por subtítulo precisamente “Um ensaio sobre a organização da experiência”, Goffman define o conceito de quadro do seguinte modo: “Parto do pressuposto de que as definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que determinam que determinam os acontecimentos - pelo

3 Winkin (1981, p. 23) chamará atenção para a importância de se entender o código, na obra de Bateson, de uma forma “muito suave” ou como um corpo de regras.



menos os acontecimentos sociais - e o nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir àqueles dentre estes acontecimentos básicos que sou capaz de identificar” (NUNES, 1993).

O termo enquadramento refere-se aos princípios básicos de organização social da experiência de uma situação social, que regulam definições dessas ações sociais e o envolvimento dos atores com elas. As premissas que sustentam a definição social de uma atividade, tanto na própria atividade quanto no alinhamento mental dos participantes.

Quadro (*frame*, na língua inglesa) é, na microsociologia de Erving Goffman (2012), um dispositivo cognitivo e prático de organização da experiência social que nos permite compreender e participar daquilo que nos acontece. Um quadro estrutura não só a maneira pela qual definimos e interpretamos uma situação, mas também o modo como nos engajamos numa ação.

O quadro é uma limitada estrutura cognitiva empregada subjetivamente pelo indivíduo a fim de que este possa atribuir significados aos objetos e aos acontecimentos que o cercam. Logo, enquadrando-as no espaço e tempo, o indivíduo extrai algum sentido plausível que possa ser incorporado à experiência.

Porém, o quadro não deve ser confundido com uma interpretação generalizada de vários indivíduos, mas sim como um esquema interpretativo único e pessoal que cada um aplica sobre uma determinada faixa de atividade. Trata-se, então, de uma capacidade subjetiva de ordenar as peças detectadas pela percepção e transformá-las em conjuntos significantes diante da consciência individual (HANGAI, 2012).

O ato de atribuir significado a algo que, de outra maneira, estaria desprovido de significação é chamado de “esquema primário”. Uma atividade enquadrada da qual se possa extrair um sentido sem a necessidade de recorrer a outro enquadramento prévio é essencialmente primária por definição (GOFFMAN, 2012).

Na vivência cotidiana e nas relações informais os esquemas primários são revelados a todo o momento: tornam-se visíveis a cada vez que a consciência ativa significados para objetos e os enquadra em uma faixa de atividade sem que com isso seja preciso resgatar uma faixa de atividade antecedente (HANGAI, 2012).



Os esquemas primários ainda podem ser transformados ou, receberem novas laminações de acordo com duas lógicas. A **primeira** delas é a **tonalização**, em que opera a adição de uma nova camada de significados sobre uma faixa de atividade preconcebida. Trata-se de reposicionar um acontecimento a partir de outro ângulo de percepção (GOFFMAN, 2012). Por exemplo, uma briga entre duas pessoas na rua pode ser enquadrada como um esquema primário. Mas se este conflito for, na verdade, um faz de conta, uma brincadeira ou um treinamento, então se adiciona ao esquema primário da luta uma nova rede significativa que permite o reconhecimento da briga como não verdadeira, mas como simulação. A nova laminação não destitui o esquema primário de sentido, mas apenas o envolve com outra camada de significados. O núcleo do quadro continua sendo o acontecimento em si (a briga e o que ela significa para as pessoas), mas sua borda situa a briga em outro contexto que pode ser de diversão ou treinamento (HANGAI, 2012).

A **segunda** lógica de transformação do esquema primário é a **maquinação**, cujo propósito é induzir uma falsa convicção do que está realmente acontecendo. Esse mecanismo é empregado por aqueles que desejam produzir o engano ou trapaça, situando alguém no papel de “vítima” da armação. A ideia central do maquinador é manipular o enquadramento de algum indivíduo fazendo com que este não perceba a realidade, enredando-o em uma situação sob o controle dos maquinadores. Quando a farsa é descoberta e se descortina a trama, a faixa de atividade é reenquadrada e aquilo que antes era percebido como um esquema primário ou, no máximo, uma atividade tonalizada, passa a ser interpretado como efeito da maquinação (GOFFMAN, 2012).

Para Goffman (2012), toda a atividade enquadrada encontra-se inevitavelmente ancorada em seu mundo circundante, sendo que a faixa de atividade sobre a qual o indivíduo dedica-se a enquadrar decorre de uma confluência de recursos materiais e sociais que possibilitam o seu próprio enquadramento. Como exemplo, podemos citar o quadro de um debate em que, primeiramente, os candidatos envolvidos se desloquem para um determinado espaço a fim de que possam discutir suas propostas governamentais entre si.



A borda do quadro refere-se, então, à fronteira imaginária que separa a faixa de atividade enquadrada do mundo ao seu redor, não se constituindo nem como par te do cenário nem como parte do mundo, mas reguladora de ambas. Neste caso exemplificado, os políticos referidos exercem seus papéis de candidatos durante o enquadramento do debate político, mas não abandonam a essência que trouxeram do mundo exterior, isto é, o seu “si mesmo” (self) (GOFFMAN, 2012).

No próximo tópico vamos abordar a aplicabilidade do conceito de enquadramento (*framing*) nos estudos de mídia.

ENQUADRAMENTO NOS ESTUDOS DE MÍDIA

Em relação aos estudos de mídia, para Scheufele (2006) os “enquadramentos” têm sido reconhecidos em três áreas e conceituados também em três dimensões analíticas. Em geral, os autores localizam os *frames* no interior dos sistemas de mídia, incluindo as relações entre os jornalistas e o ambiente das redações; junto aos receptores das mensagens midiáticas; e entre os atores, grupos e organizações dos diferentes campos sociais. Em termos de análise, os *frames* operam em níveis cognitivos e textuais ou como padrões de discursos que aparecem em uma condição pública. Para o referido autor, os investigadores percebem os enquadramentos como: a) como um complexo cognitivo de esquemas de assuntos relacionados para diferentes aspectos da realidade, b) estabelecidos no discurso público, político ou entre as mídias, e c) tornando-se manifesto como uma estrutura textual de mensagens tais como em *press releases* e artigos de jornal (SCHEUFELE, 2006).

A teoria do enquadramento incorporada aos estudos em jornalismo resultou na linha de pesquisa conhecida como *framing*. Além de identificar e analisar os elementos que compõem o quadro jornalístico, os estudiosos dessa área também demonstram uma notável preocupação em verificar os “quadros dominantes”, isto é, os tipos de enquadramento interpretativo que mais abundam nos noticiários. Parte-se do pressuposto de que qualquer produção jornalística precisa recorrer a recursos externos para completar o seu quadro e posteriormente



publicá-lo. Políticos, empresários e organizações sociais são fontes frequentemente recuperadas pelo jornalista em seu ofício de construir a reportagem. Consequentemente, os *frames* de tais entidades são absorvidos pelos noticiários e reapresentados ao público. A partir dessa concepção é possível revelar quais são os aspectos da realidade mais destacados, não somente pelos jornalistas, mas também por aqueles que encontram suas vozes amplificadas nos veículos de comunicação (HANGAI, 2012).

Nesta linha, porém tendo como objeto de estudo o campo esportivo, o estudo de Sanfelice (2007) apresenta uma descrição da cobertura dos jornais Zero Hora e Folha de São Paulo sobre a participação de Daiane dos Santos, ginasta brasileira, durante a sua participação nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), buscando explicitar as estratégias discursivas a partir dos conceitos de *frame* e mapas de significado, alinhados ao agendamento realizado pelos jornais. Para o autor, as mídias procuram estabelecer o apagamento do jornalista no processo de produção da notícia, buscando a objetividade jornalística, realizando a cobertura dentro de um determinado contexto social e cultural, ou melhor ainda, agendado pelos valores culturais, identitários de seu leitor. Nesse ponto, o jornalista estabelece os vínculos da sua acepção de mundo, relacionado com o local, estabelecido pelas relações de cultura e valores locais, construindo assim, os mapas de significado.

No seu estudo das notícias como construção social de realidade, Tuchmann (1978) traz a noção de enquadramento para o estudo do jornalismo. “As notícias são uma janela para o mundo que pretendem dar-nos aquilo que queremos saber, necessitamos saber e devemos saber”. A metáfora concentra em si a forma como a socióloga utiliza o conceito. As notícias são o próprio enquadramento, pois é através delas que construímos grande parte da nossa percepção do mundo e da nossa relação com ele. As notícias produzem um “recorte” artificial na realidade que passa, elevando ao estatuto de conhecimentos públicos, apenas pequenas partes da multiplicidade de ocorrências do cotidiano social (TUCHMANN, 1978).

De Vreese (2005), numa perspectiva da chamada análise crítica do discurso, trabalha com a noção de *framing* como um processo que



supõe um modelo integrado entre produção, conteúdos e a perspectiva de uso das mídias. Nesse sentido, o “enquadramento” deve ser projetado como recurso analítico de uma visão não estática do processo comunicativo, ou seja, os frames podem operar em lugares e com papéis distintos e podem pertencer ao universo dos diferentes interlocutores da comunicação (produtor, receptor), situarem-se no âmbito da construção textual ou fundarem-se no elemento mais geral da cultura.

Para o referido autor, são diferentes os estágios e níveis nos quais essa categoria pode repousar. Duas instâncias são identificadas para efeito de análise: o momento da **construção** e o momento de “**ajuste**” do enquadramento. O **primeiro** momento, o “*frame-building*”, diz respeito aos fatores internos que influenciam as qualidades estruturais de enquadramento das notícias, em particular as concepções e entendimentos com as quais operam a comunidade profissional e as organizações produtivas, e aos fatores externos, que dizem respeito ao contato e interação do campo do jornalismo com os outros atores e agentes sociais. Tais fatores estarão fundamentalmente manifestos no texto da notícia. O **segundo** momento, o do *frame-setting*, trata-se da relação entre essa moldura engendrada no campo midiático e os meios de interpretação e avaliação das notícias acionados pelos agentes sociais, aquilo que nos termos de Charaudeau (2006) chamaríamos de o saber compartilhado pelos interlocutores, distinguidos em saberes de conhecimento – fundados em uma representação racionalizada dos fenômenos do mundo – e os saberes de crença – apoiados em juízos que fabricam normas de referência para ação no mundo. (ANTUNES, 2009).

A teoria do *framing* (enquadramento) passou a ser usada nos estudos de comunicação a partir da década de 1970, período em que havia a presença acentuada de modelos de estudo como a *agenda-setting* e o *newsmaking*, aplicado diretamente ao fenômeno jornalístico. Há diversidade de abordagens e modelos para se pensar as relações de agenda e enquadramento que são estabelecidas pelas mídias (organizações e profissionais), público/audiência e demais atores (organizações e instituições sociais), reforçando, a força desses modelos como métodos interpretativos de fenômenos de uma dimensão pública da vida social. Além disso, os métodos de descrição e análise desses fenômenos,



mesmo dentro dessas duas perspectivas teóricas, em suas variações ou combinações, deslocam a ideia de um modelo teórico-metodológico acabado de teoria do enquadramento (FRANSCISCATO; GÓES, 2012).

Para Chong e Druckman (2007) termo *framing* é usado de duas maneiras. A **primeira**, um quadro na comunicação ou '*media frame*', refere-se a palavras, imagens, frases e estilos de apresentação que um falante (*speaker*) usado quando trata-se de informação sobre um tema ou evento em relação a audiência. O enquadramento escolhido revela aquilo que o falante vê como relevante no tópico em questão. A **segunda**, diz respeito a um enquadramento no pensamento, ou um enquadramento individual, relacionado ao entendimento cognitivo individual de uma situação. Ao contrário de enquadramentos na comunicação, que refletem uma ênfase do falante, enquadramentos no pensamento se referem ao que um membro da audiência acredita ser o aspecto mais proeminente (saliente) de um tema.

Outro aspecto dos "usos" do conceito são as quatro conjecturas ou localizações da pesquisa de *framing* classificadas por D'Angelo (2002): o **comunicador**, o **texto**, o **receptor** e a **cultura**. A **primeira** é sobre o conteúdo dos enquadramentos; o autor afirma que quadros de notícias são temas dentro das histórias que são carregados por diversos tipos de dispositivos de enquadramento. A **segunda** refere-se que os frames das notícias são as primeiras causas que moldam diversos níveis de realidade. Enquadramentos são pistas discursivas que podem impactar na cognição, na socialização individual via discussões interpessoais, formação de opinião pública e uso de mensagens dos media para alcançar seus objetivos (D'ANGELO, 2002).

Já a **terceira** conjectura afirma que os enquadramentos das notícias interagem com os comportamentos sociais e cognitivos que eles moldaram em primeiro lugar. Num estado cognitivo, os enquadramentos existem como conhecimento anterior, usado pelos indivíduos para processar eficientemente a informação contida nos enquadramentos de notícias. Indivíduos também conversam sobre temas políticos usando seus enquadramentos mentais de tais temas. Além dos reinos cognitivos e interpessoais, frames operam dentro de rotinas e discursos de grupos.



Por fim, a **quarta** localização, o enquadramento molda diálogos públicos sobre temas políticos. Para D’Angelo (2002) o jornalismo é ideologicamente ligado a princípios do pluralismo clássico. Os jornalistas conscientemente fazem um papel de conduto/canal no qual eles tentam providenciar aos cidadãos a informação que irá permitir ganhar um conhecimento adequado de política. Assim, os pesquisadores de *framing* tendem a monitorar quão bem os jornalistas fazem tal papel.

Segundo Rossetto e Silva, (2012) algumas análises desse processo acentuam que o *framing* jornalístico é modelado por enquadramentos patrocinados por múltiplos atores sociais, que incluem políticos, organizações e movimentos sociais. A habilidade de um enquadramento dominar um discurso noticioso depende de vários fatores que incluem: fontes econômicas e culturais do patrocinador (daquele que provém a informação), seu conhecimento sobre as práticas jornalísticas e a ressonância do enquadramento como valores políticos.

FECHANDO UMA CENA E ABRINDO OUTRAS

Neste texto, buscamos elucidar as origens teóricas do conceito de enquadramento, tendo este recebido influências de diversas áreas do conhecimento, como antropologia, sociologia, psicologia e comunicação.

O conceito de enquadramento tem se estabelecido como um valioso dispositivo teórico e, especialmente, uma promissora via metodológica para a análise de comunicação midiática. Embora a aplicação do conceito possa se adequar a diferentes campos de estudo, ele não perde a sua especificidade de tentar explicar de que maneira o indivíduo constrói sua experiência pessoal com base no enquadramento aplicado sobre aquilo que ele julga ser real. Goffman nos provoca e questiona que em uma determinada interação, mesmo se o que tomamos como “real”, não passa de um ponto de vista.

A Educação Física enquanto área de conhecimento inicia uma aproximação teórico-metodológica, com o conceito, principalmente via estudos de mídia e esporte. Esperamos que o teor deste texto, bem como do livro, sirva de subsídios para novas pesquisas na área, fortalecendo relações da Educação Física com as Ciências Sociais e Humanas.



REFERÊNCIAS

ANTUNES, E. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 85-99, dez. 2009.

BATESON, G. Comunicação. In: WINKIN, Y. **A Nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papirus, 1998.

BATESON, G. **Mente e natureza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986

BOUGNOUX, D. **Introdução às ciências da comunicação**. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHONG, D.; DRUCKMAN, J. N. A Theory of Framing and Opinion Formation. Competitive Elite Environments. **Journal of Communication**, n. 57, 2007, 99-118.

D'ANGELO, P. News Framing as a Multiparadigmatic Research Program: A Response to Entman. **Journal of Communication**, December 2002.

DE VREESE, C. H. 'News framing: Theory and typology'. **Information Design Journal**, v.13, n.1, pp.51-62, 2005.

FRANCISCATO, C. E.; GÓES, J. C. Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo. **Revista Interamericana de Comunicação Mídiaática - Animus**, v. 11, n. 22, 2012.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, E. **El Ritual de la Interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporaneo, 1971.



____. **Estigma, Notas sobre a Manipulação de Identidade Deteriorada**, 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

____. **Manicômios, prisões e conventos**, 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

____. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HANGAI, L. A. A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em Comunicação. **Revista AçãoMidiática**, v. 2, n. 1, 2012.

LIPSET, D. **Gregory Bateson: the legacy of a scientist**. Boston: Beacon Press, 1982.

NUNES, J. A. “Erving Goffman, a Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana”. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 37, p. 33-49, 1993.

ROSSETTO, G. P. N.; SILVA, A. M. Agenda-setting e Framing: detalhes de uma mesma teoria? **Intexto**, Porto Alegre, n.26, p. 98-114, jul. 2012.

RUESCH, J.; BATESON, G. **Communication: the social matrix of psychiatry**. Nova York: Norton, 1951.

SANFELICE, G. R. **Os enquadramentos dos jornais Zero Hora e Folha de São Paulo na cobertura de Daiane dos Santos nos jogos olímpicos de Atenas/2004: a midiaticização do resultado esportivo**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Leopoldo, UNISINOS, 2007.

SCHEUFELE, B. ‘Frames, schemata, and news reporting’. **Communications**, v. 31, n. 1, p. 65-83, 2006.

SFEZ, L. **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

SILVA, C.; SEBASTIÃO, P. Interação e cibersexo no IRC. In: SILVA, C.; SEBASTIÃO, P. **Interação e ciberespaço**. Évora: Universidade de Évora, 2002. p. 23-49.



TUCHMANN, G. **Making News**. New York e London, The Free Press, 1978.

WINKIN, Y. **La nouvelle communication**. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

_____. **A Nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papyrus, 1998.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.